Museu Virtual de Contos Africanos e Itan

O CAÇADOR DO POVO QUE ENFRENTOU O PÁSSARO TENEBROSO

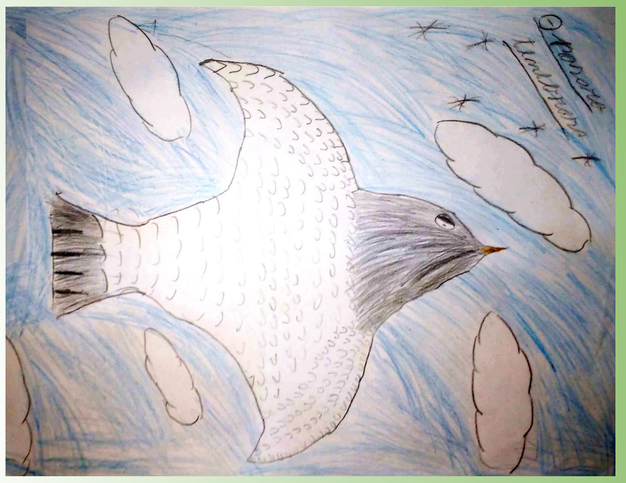
(Reginaldo Prandi)

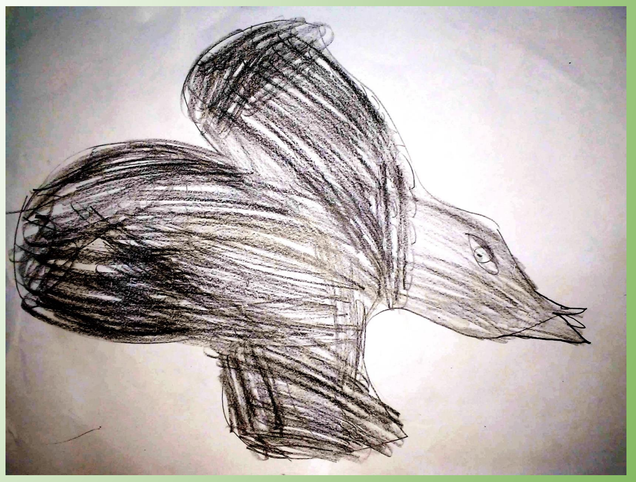
Entre as inúmeras histórias que Ifá reuniu
e que ele gosta de contar para quem vai consultá-lo,
há uma que fala de um jovem caçador que tinha apenas uma flecha
e que, mesmo assim, se transformou num grande herói popular.
A história diz mais ou menos o seguinte:
Lá na África, o reino de Queto estava em festa.
O rei mandou preparar um grande banquete
e convidou todos os habitantes do lugar
para, durante vários dias, comer, beber e dançar.
Além dos que moravam na aldeia,
vieram convidados de todos os lugares próximos:
dos campos, das florestas, das montanhas.
Veio gente do interior e do litoral.
Reis de cidades vizinhas mandaram seus representantes.

Aluno do 4º ano B
Lápis de cor sobre papel ofício

Logo de manhã,
todo o povo se encontra na praça, defronte ao palácio do rei,
cada um ostentando seu traje mais caro e vistoso.
Todos falavam alto, riam, exibiam suas joias.
O rei estava sentado no trono, no meio da praça,
sob um enorme guarda-sol,
e todas as autoridades para lá se dirigiam para saudá-lo.
Os parentes que vinham de longe cumprimentavam os do lugar,
as moças flertavam com os rapazes,
as crianças corriam de lá para cá.
Os tambores tocavam e farta comida era servida.

Porém, mal a festa havia começado,
uma coisa muito grave aconteceu.
De repente, a luz do dia foi encoberta pelo voo de uma ave tremenda.
O pássaro imenso cobriu a luz do sol e espalhou o medo na praça.
Fez um voo rasante sobre os telhados da cidade
e pousou bem na cumeeira do palácio real.
Tinha penas negras e arrepiadas, olhos de vidro, bico de aço.





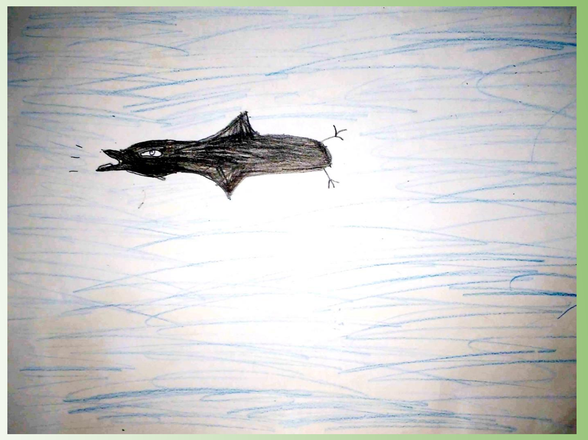
Alunos(as) do 4º ano B
Lápis de cor sobre papel ofício

Quando o pássaro deu seu primeiro pio,
as folhas caíram das árvores,
a comida estragou nas gamelas,
o vinho azedou nas cabaças.
Quando o pássaro deu seu segundo pio,
os mansos animais da aldeia ficaram enfurecidos,
os pés de inhame nas plantações vizinhas murcharam,
a água das minas e cisternas ficou com gosto de sal.
Quando o pássaro deu seu terceiro pio,
a terra tremeu.
E o rei compreendeu que cometera um grande erro:
tinha convidado todo mundo para a festa,
menos a Feiticeira.

A Feiticeira agora queria vingança, com certeza.
Com certeza se sentia humilhada e desprezada.
Sim, pois mandara o pássaro tenebroso.
Sim, aquilo era coisa da Velha Feiticeira do Pássaro,
que na língua do lugar era chamada lá Mi Oxorongá.

Aluno do 4º ano B
Lápis e hidrocor sobre papel ofício

Mais que depressa, o rei ordenou:
“Que sejam chamados aqui imediatamente
os mais hábeis caçadores do meu reino
e que eles matem o pássaro terrível.”
Assim foi feito.
Da cidade de Ilarê veio Oxotadotá, que caçava com cinquenta flechas.
Da cidade de Morê compareceu Oxotogi com suas quarenta flechas.
Vindo da cidade de Idô, apresentou-se Oxotogum,
o caçador que tinha vinte flechas.
Todos prometeram ao rei acabar com o bicho perverso,
ou perderiam suas próprias vidas.
Mas todos os três gastaram suas flechas e fracassaram.
Nenhum acertou o pássaro da Feiticeira.
Todas as flechas caíram no vazio,
e eles foram presos por ordem do rei.
A ameaça do pássaro era cada vez mais aterrorizante.
O rei sabia que, se ele desse mais um pio,
homens, mulheres e crianças começariam a cair sem vida.



Alunos(as) do 4º ano B
Lápis de cor e giz de cera sobre papel ofício

Foi quando, vindo da cidade de Irém,
apresentou-se o caçador Oxotocanxoxô,
o caçador de uma flecha só.
O rei disse ao caçador:
“Matas a ave ou morres com os outros
que antes de ti tentaram e fracassaram.”
O caçador concordou, afirmando:
“O poder da Feiticeira não me atemoriza.”
A mãe de Oxotocanxoxô, que estava no meio da multidão,
temeu do fundo de sua alma pela vida do único filho,
porque se ele não abatesse o bicho maldito, ela o perderia.
Perderia tudo o que tinha na vida de precioso: seu filho.
Sem demora, a aflita porém resoluta mãe do caçador
desvencilhou-se da turba que a cercava
e foi correndo consultar Ifá, o Adivinho.
Ele jogou os búzios e disse:
“O pássaro é enviado da ressentida Feiticeira,
que não foi convidada à festa e quer vingança.”
Jogou de novo os búzios e disse:
“É preciso apaziguar a Feiticeira,
pois sua mágoa odienta é a origem do mal.”
Ele completou o jogo e recomendou à mulher desesperada:
“Faze uma oferenda à Senhora Dona do Pássaro
e vamos esperar que ela se acalme.”

Alunos(as) do 4º ano B
Lápis de cor, giz de cera e hidrocor sobre papel ofício

A mãe do caçador fez o que recomendou o Adivinho.

Ofereceu à Feiticeira cinco galinhas gordas,

que foram cozidas em azeite de dendê com sal, cebola e pimenta.

O refogado foi servido numa gamela forrada

com purê de inhame,tendo por cima dezesseis

ovos cozidos,tudo acompanhado de mel de abelha

e vinho de palma.

A mulher depositou tudo aos pés da árvore onde morava a Velha do Pássaro e pediu com sincera humildade:

“Aceita a oferenda, minha mãe, e deixa meu filho

viver.”A Feiticeira, faminta, não pôde resistir ao

aroma do guisado.

A comida estava deliciosa e ela comeu e lambeu os beiços.Depois de devorar as cinco galinhas e tudo

o mais que acompanhava,

preparou-se para tirar uma soneca.

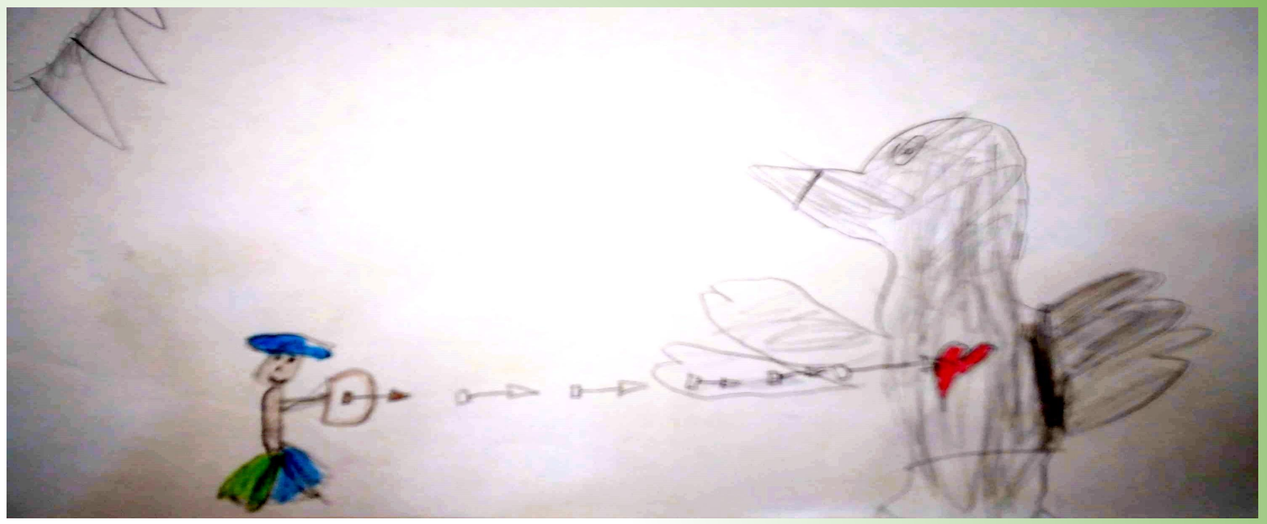
“Não há festança melhor que uma boa galinhada”,

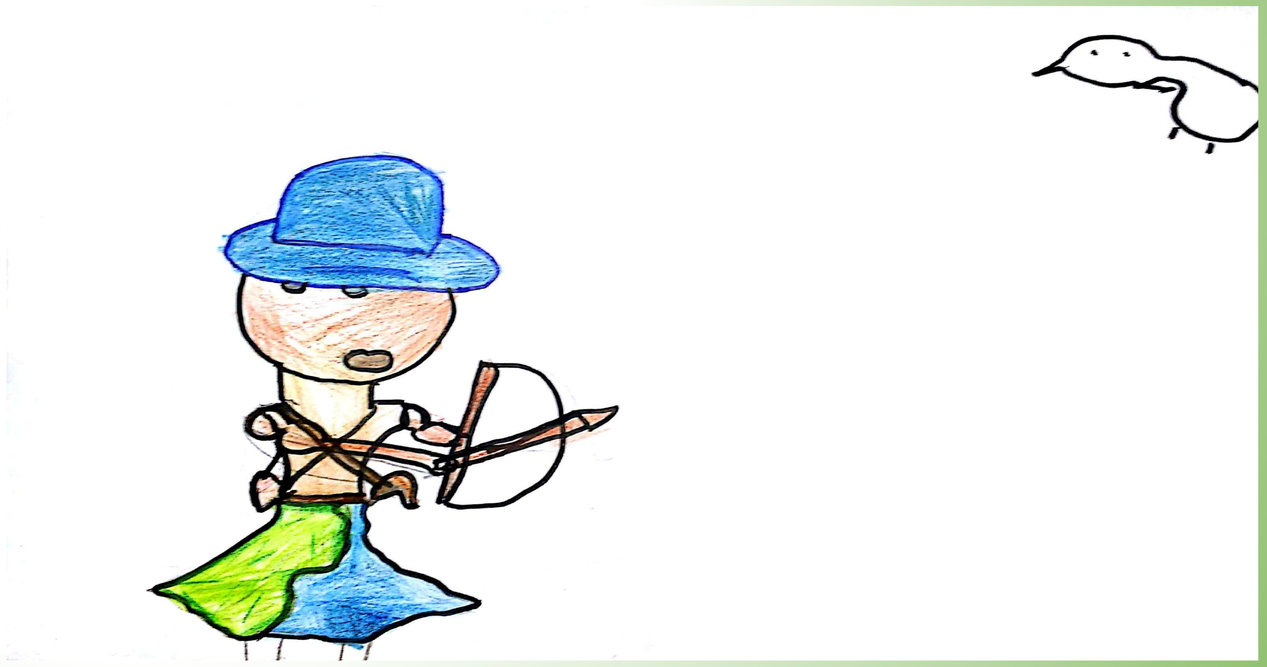
sentenciou, bocejando de sono, e concluiu:

“A festa do rei não me interessa mais.”

Alunos(as) do 4º ano B
Lápis de cor, giz de cera e hidrocor sobre papel ofício

Enquanto isso, lá na praça,
o caçador se preparava para atirar sua única flecha.
Fez a pontaria, mirando bem no coração da ave maldita,
estirou ao máximo o arco e atirou.
No exato momento em que a Feiticeira ferrou no sono,
a flecha, a única flecha do caçador, abandonou o arco,
descreveu uma longa trajetória sobre a praça,
e, acompanhada pelo olhar ansioso da multidão em silêncio,
alcançou o alvo
Atravessou o coração do pássaro,
no preciso instante em que ele abria o bico perverso
para emitir mais um dos seus piados malfazejos.
A ave tenebrosa, morta, se esborrachou no chão da praça.
O reino de Queto estava livre da ave e de seu feitiço!
O caçador foi carregado nos ombros do povo
e a festa reiniciou, agora com muito mais júbilo,
muito mais alegria,
muito mais razão de ser.
O povo nunca esqueceu o acontecido
e até hoje venera a memória do caçador de uma só flecha,
que desde então é chamado de Oxóssi,
nome que, na língua do lugar, quer dizer o Caçador do Povo.
Até hoje o povo cultua a memória
do caçador que matou o pássaro da Feiticeira.
A memória de Oxóssi, o Caçador do Povo.





Alunos(as) do 4º ano B
Lápis de cor, giz de cera e hidrocor sobre papel ofício

Fonte: PRANDI, Reginaldo. **Ifá, o adivinho:** histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.